

Escavações no Castro de Carvalhelhos (Campanha de 1963)

O castro de Carvalhelhos é um castro relativamente pequeno mas cheio de interesse. Fica em termo da aldeia de Carvalhelhos, freguesia de Beça, concelho de Boticas e distante uns 400 m das Caldas Santas de Carvalhelhos, cujas águas, justamente afamadas, são bem conhecidas pelas suas notáveis qualidades terapêuticas.

Deste castro me ocupei em trabalho publicado em 1958 ⁽¹⁾ no qual dei conta das várias campanhas de escavações ali realizadas com subsídios da Empresa das Águas de Carvalhelhos, do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto e da Direcção Geral dos Monumentos Nacionais (Ministério das Obras Públicas).

No verão de 1963 deparei na vertente leste com o alinhamento do alicerce dum muro que corria ao longo da encosta a uma distância de cerca de 40 metros da muralha do reduto cimeiro. Resolvi fazer uma escavação para seguir o alinhamento referido e repor as pedras ali caídas e tombadas. Desse modo se salientaria aquele muro, mais ou menos fora da terra consoante a quantidade de pedras que fossem aparecendo (Fig. 1).

A escavação da terra dum lado e do outro daquele alicerce permitiu desenterrar bastantes pedras, que certamente dele tinham feito parte, e descobrir o perfeito alinhamento do muro.

Embora um serviço desta natureza não seja rodeado dos cuidados com que se escava, por exemplo, o interior duma casa, não deixa de ser feito meticulosamente.

E foi-o de tal modo que, na simples escavação da terra, que será crivada em próxima campanha, foram encontradas as três peças de que me vou ocupar e constituem o mais interessante material até agora ali recolhido, embora nas campanhas anteriores tenham sido crivados ou passados à ciranda bastantes metros cúbicos de terra do recinto muralhado e do miolo de algumas casas.

As peças, uma moeda de prata romana, uma fivela circular de bronze e uma fíbula de arco, também de bronze, apareceram

(1) Santos Júnior, *O castro de Carvalhelhos*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia» da Soc. Portug. de Antrop. e de Etnologia e do Centro de Est. de Etnol. Peninsular, Vol. xvi, págs. 25 a 62, 29 figs.

no último e penúltimo dias da campanha de escavações, pelo que a crivagem da terra teve que ficar para uma próxima campanha, que espero poder realizar no próximo mês de Agosto.



Fig. 1 — Muro da vertente leste do Castro de Carvalhos reduzido quase ao alicerce. O homem que se vê por trás do penedo onde o muro entesta indica o local preciso do achado da moeda e fíbula

Apareceram também alguns fragmentos de cerâmica, pedaços de escórias e duas pedras de granito espalmadas e bem trabalhadas a pico, que provavelmente serviram de soleiras. Estas duas pedras deixei-as ficar enterradas, e tal como foram encontradas, para serem desenterradas na próxima campanha.

Moeda romana

Denário de prata de Augusto em parte cerceado.

Anverso: cabeça laureada olhando à direita com a legenda em parte destruída CAES (ar Augustus) DIVI F(ilius), PATER PATRIAE.

Reverso: Caio e Lúcio de pé com escudo e lança. Entre eles o «simpulum» e o «lituus», ou vara dos áugures. Legenda também parcialmente destruída: C(aius) [et] L(ucius) CAESARES AUGUSTI F(ili) CO(n)S(ules) DESIG(nati) PRINC(ipes) IUVEN(tutis).

Entre parêntesis vão indicadas as letras em falha pelo cerceado da moeda ou omissas.

Tradução das legendas: César Augusto, filho de Divo (César) Pai da Pátria; Caio e Lúcio, Césares, filhos de Augusto, cônsules designados príncipes da juventude.

Estes Caio e Lúcio referem-se a Caio César e Lúcio César, filhos de Agripa e de Júlia, e netos de Augusto (1).

A cunhagem deste denário de Augusto situa-se entre o ano 2 antes de Cristo e o ano 9.^o ou 10.^o depois de Cristo.

Segundo informação do meu distinto colega e amigo Prof. Garcia y Bellido, catedrático da Universidade Central de Madrid e do Instituto Español de Arqueologia, as primeiras cunhagens conhecidas desta moeda foram feitas em Lugdunum no ano 2 antes de Cristo em áureos e denários de prata.

Fivela circular (ou em ómega)

Como a fig. 2 mostra, trata-se duma fivela grande, completa e muito bem conservada.

A argola, ou aro, é lisa e quase circular. Mais grossa na parte média, onde tem 4 mm de espessura, vai adelgaçando para as pontas, onde, antes das dobras que vão formar os remates terminais revirados, tem apenas 2 mm. Entre as dobras há uma abertura de 1 mm ou um tudo-nada mais.

Os remates apresentam uma ondulação que faz encostar à face externa do aro os discos proximais da cabeça, que dois sulcos a toda a roda dividem como que em três discos sobrepostos.

O fusilhão, de comprimento um pouco maior que o diâmetro da argola, está preso a esta por um anel suficientemente grande que lhe permite deslizar facilmente num ou noutro sentido.

Fivelas deste mesmo tipo têm sido encontradas em várias estações arqueológicas, especialmente em castros e citânias. Conhecem-se exemplares idênticos achados em Briteiros, Sabroso, Conímbriga, Terroso, Numão, Longroiva, etc.

(1) Embaraçado com falta de bibliografia para estudo da moeda, o Sr. P.^e Dr. Pinho Brandão, nosso consócio na Sociedade de Antropologia, gentilmente se encarregou de a estudar.

Aqui lhe testemunho o meu agradecimento.

O achado de Longroiva feito ao lavrar um campo junto «do local onde se diz ter sido outrora um crasto romano», foi estudado pelo Dr. Adriano Vasco Rodrigues numa nota que intitulou *Fibulas romanas de Longroiva* e vem publicada no vol. XV dos *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, Porto, 1954, págs. 287 e 288. A fotogravura que ilustra este trabalho não tem indicação de dimensões. Se está feita em tamanho natural, a fivela de Longroiva é bastante mais pequena do que a do castro de Carvalhelhos que agora estudamos. Vasco

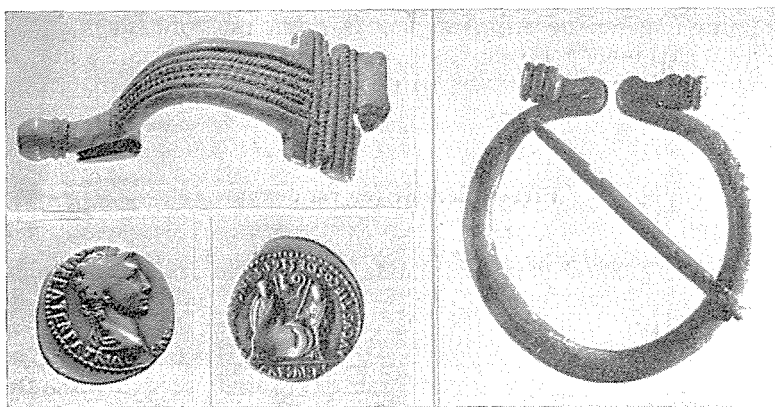


Fig. 2 — Fibula, moeda e fivela do castro de Carvalhelhos. Tamanho natural

Rodrigues refere que a fivela que estudou apresenta «as extremidades levemente decoradas», querendo certamente referir-se aos sulcos circulares paralelos dos remates.

José Fortes, no seu artigo *Fibulas e fivelas*, in «Archeologo Português», IX Ano, Lisboa, 1904, págs. 1 a 11, 12 figs., refere o aparecimento de fivelas em várias estações arqueológicas das quais extraio os castros trasmontanos seguintes: castro do Prejal, no termo da freguesia de Castelo Branco, concelho de Mogadouro; castro do Rio Torto, concelho de Valpaços; castros da Cocolha, Nogueira, Vimioso; castro de S. Jusenda, Vale Prados, Mirandela. Cita ainda fivelas encontradas nas grutas de Santo Adrião, freguesia S. Pedro da Silva, concelho de Vimioso.

Rui de Serpa Pinto, que foi querido amigo e um lealíssimo companheiro no Instituto de Antropologia, no seu trabalho *A Cidade de Terroso*, apresentado ao Congresso Internacional de Bar-

celona em 1929, e publicado na Revista de Guimarães, vol. XLII, reproduz na fig. 8 quatro fivelas de Terroso. Essas fivelas estão expostas no Museu Antropológico da Universidade do Porto. Neste museu, que tenho a honra de dirigir, há mais fivelas, a saber: de Telões (V.^a Pouca de Aguiar), de Bagunte (V.^a do Conde), de Fiães (V.^a da Feira) e de Valdemiro (Sardoura, Castelo de Paiva).

As fivelas têm sido repartidas em dois tipos.

O tipo primitivo é caracterizado pelo aro circular de espessura constante e o fusilhão com a base espalmada, que, dobrada sobre si mesma, enrola e abraça o aro.

O segundo tipo, muito vulgar nas estações luso-romanas, tem, como no exemplar que estudamos, o aro também circular mas de espessura variável, mais grosso no meio, adelgaça para as extremidades, que são reviradas e terminam por dilatações, maiores ou menores, ornamentadas de sulcos paralelos. O fusilhão tem na base um orifício perfeitamente circular por onde corre ao longo do aro.

A fivela do castro de Carvalhelhos é deste segundo tipo, considerado como do período da plena romanização e que subsiste até, pelo menos, ao séc. IV depois de Cristo.

Fíbula

Como a fig. 2 bem mostra, esta fíbula de bronze está incompleta. Falta-lhe o fusilhão. É constituída pelo arco de base alargada, ainda com metade da charneira, que era bipartida para rodar o fusilhão (Fig. 3). O arco, lameliforme é mais largo na cabeça, estreita para a ponta; é facetado no colo, junto do pé, na parte dorsal em correspondência com a goteira. O extradorso tem nervuras separadas por sulcos longitudinais e decoração formada por pontos em relevo e nervuras encordoadas (Figs. 2 e 3).

O intradorso é liso e mostra pequena estaladela que parece ter aumentado um pouco o diâmetro do arco.

A extremidade oposta à charneira, a que pode chamar-se pé, é curta e remata por botão terminal que é oco, como deixa ver uma estaladela longitudinal nele existente. No pé existe uma lâmina recurvada em goteira que retinha a ponta do alfinete ou fusilhão e, ao mesmo tempo, precavia de picadas acidentais.

No extradorso do arco há ornamentações como se vê na fotografia e nos desenhos, os quais fiz um pouco ampliados para realçar os motivos ornamentais. Estes, como já disse, são constituídos por fiadas de granulações e salientes encordoados (Fig. 3).

É uma linda fíbula do tipo que José Fortes (1) designou «de charneira curta e pé com botão terminal» e de que nas figs. 31 a 38 reproduz exemplares de Briteiros, da Pedrulha e do

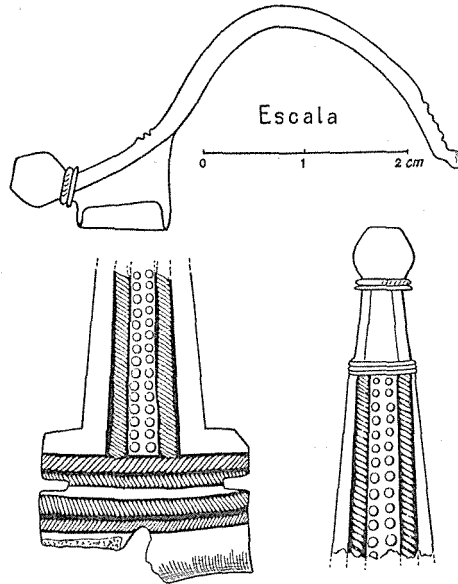


Fig. 3 — Fíbula de bronze do castro de Carvalhelhos

Algarve. Nesta província Santos Rocha colheu 3 exemplares na necrópole da Fonte Velha, próximo de Bensafrim.

Conclusões

Estas três peças apareceram na altura em que pensava dar como rematados os trabalhos das escavações no castro de Carvalhelhos. O seu aparecimento permite fazer breves considerações de ordem cronológica.

Assim a moeda dá cronologia posterior ao ano 2.^o da nossa era.

(1) José Fortes, *As fíbulas do noroeste da Península*, in «Portugália», T. II, Porto, 1905-1908, págs. 15 a 33, 38 figs.

A fíbula de charneira curta, segundo José Fortes, era já largamente usada ao norte da Itália no início da época imperial.

O lusitano submetido adoptou o modelo em paralelo com os antigos tipos. Isto, diz José Fortes trabalho cit. pág. 32, harmoniza-se com o resultado das escavações de Santos Rocha no cemitério luso-romano da Fonte Velha, dos sécs. I ou II, e na estação lusitano-romana da Pedrulha, dos sécs. III ou IV, nas quais colheu algumas fíbulas de charneira curta e pé com botão terminal.

Quanto à fíbula circular sabe-se que já era usada na Lusitânia antes das invasões romanas e que perdurou, mantendo as suas linhas gerais, até pelo menos ao séc. IV.

Há pois relativa concordância na ampla atribuição cronológica que cada uma das três peças referidas permite inferir. Estes três achados podem dizer-nos apenas que correspondem ao período da romanização dos castros do noroeste peninsular, que foi particularmente intensa nos dois ou três primeiros séculos da nossa era.

J. R. SANTOS JÚNIOR.

Um botilho trasmontano

No Felgar, importante freguesia do concelho de Moncorvo, no leste trasmontano, entre Sabor e Douro, fotografei o *botilho* que vai reproduzido nas figs. 1 e 2.

Segundo informação dada pelo meu amigo Sr. Óscar Salgado, proprietário no Felgar, este mesmo nome de *botilho* é dado também a um invólucro saquiforme feito de arame ou de vime que, preso aos chifres por dois cordéis, serve para tapar o focinho das crias quando se pretende evitar que elas mamem. É aquilo que em muitas regiões é conhecido pelo nome de *cofinho*, e vem reproduzido em primorosos desenhos de F. Galhano no trabalho de Jorge Dias a que abaixo nos referimos. Este cofinho, a que no Felgar chamam *botilho*, só é posto às crias pequenas durante a noite quando querem aproveitar para vender o leite das mães.

Quando porém um vitelo já crescido tem de acompanhar a mãe para a pastagem nos lameiros ou no monte, usa-se o *botilho*, reproduzido nas figs. 1 e 2; assim se consegue que, mesmo em liberdade e junto das mães, as crias sejam apartadas do leite. O *botilho* aplica-se de tal modo amarrado que o vitelo quando tenta mamar pica o úbere da mãe. Esta dói-se e escouceia o filho.